

MEMÓRIAS DE TATUOCA: ESTUDO SOBRE O ESTADO DA ARTE

JAQUELINE SOARES DA SILVA

Mestranda no Programa em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ, jaquelinesoaresx@gmail.com;

RESUMO

O artigo Memórias de Tatuoca: Estudo sobre o estado da arte apresenta parte do estado da arte realizado na dissertação em andamento denominada Memória de Tatuoca: Uma História Feninina. As famílias de pescadores tradicionais da Ilha de Tatuoca foram retirados deste espaço e reorganizados dentro da Vila Nova Tatuoca. Esta transição forçada foi ocasionada pelas obras de ampliação do Complexo Industrial Portuário de Suape em Ipojuca no ano de 2014. Por meio da escuta das memórias das antigas moradoras da Ilha e da escuta de mulheres das gerações mais novas procuraremos identificar como os conhecimentos construídos nos modos de vida de muitas gerações vivenciadas na comunidade pesqueira são aproveitados, ou não, na vida cotidiana das famílias que hoje habitam na Vila Nova de Tatuoca na cidade do Cabo de Santo Agostinho e compreender as formas de atuação das mulheres nesse processo de adaptação da vida em um novo contexto que parece amplificar as desigualdades sociais a que essa comunidade é submetida, novamente sob a insígnia do desenvolvimento e modernização do país.

Palavras-chave: Educação; Memória; Desterritorialização.

1. INTRODUÇÃO

Pesquise a comunidade de Tatuoca, pois compreendo como é violenta a relação de Suape com a comunidade, desde a limitação dos moradores em acessar a Ilha de Tatuoca, seja o sofrimento gerado pela remoção, a falta de perspectiva de uma população que é capaz de hoje ver Suape não como algo pensado para o bem comum da região, mas como um projeto excludente e que degrada a natureza e as relações humanas, diante da minha experiência anterior na comunidade, a relação dos moradores com as lembranças e memórias vividas funciona como um alento diante do contexto que vivem atualmente, entender melhor como essa memória aglutina esta população me fez selecionar este conceito para esta pesquisa.

Existem vários autores que falam de memória enquanto elemento central de análise, inclusive na psicologia e nas neurociências e esta pode ser abordada a partir de diferentes vertentes. Aproximei-me do conceito de memória a partir da importância desta quase como o ente onipresente ao estudo das ciências históricas. “Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história” (Delgado, 2009, p. 10).

Estes conflitos entre história e memória passaram a ocorrer em um determinado ponto onde a História precisou se provar enquanto ciência, influenciado pelo pensamento positivista de Auguste Comte no século XIX, mas que ainda gera influência na atualidade, onde para alguns historiadores, o valor dado ao documento histórico escrito costuma ter mais força do que relatos, já que a memória como elemento de narrativa, não costuma ser linear, apresenta falhas e lida diretamente com esquecimentos, sendo assim “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (Chauí, 1995, p. 125)

A memória acaba sendo uma importante ferramenta para a compreensão do mundo, elemento que nos une com ancestralidade e para a construção de uma crítica a realidade proposta, pois o pensamento humano vem da capacidade de criar reflexões sobre experiências das nossas vidas. Esta valorização excessiva do documento escrito na produção da ciência histórica acabou por criar graves problemas, entre eles excluiu da produção historiográfica populações que não apresentavam escrita “Para a memória a presença do passado no presente é fundamental para

a legitimação de certos saberes ou hierarquizações e para articular as narrativas do passado vivido à percepção do presente pretendido, como afirma Chartier (2007).

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, pg 19).

A memória é o nosso conhecimento adquirido durante toda a nossa vida, graças e ela nos é possível relacional o passado, presente e futuro, pois a partir dela podemos dar sentido as experiências de vida com o passar do tempo. Através de uma memória coletiva é que me sinto integrante de uma comunidade, é possível haver identificação com o outro, solidariedade que representa a caracterização do ser humano. A partir do sentido dado a memória coletiva eu me sinto integrante de algo maior e reconheço nos outros, elementos comuns. Sem a memória coletiva não haveria identidade cultural, pois eu vivo em sociedade quando me reconheço no outro.

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

A produção da história perpassa pela construção do discurso e na história construída durante séculos sempre nos deparamos apenas com uma versão hegemônica. A memória e a oralidade dos grupos tradicionais pouco foram respeitadas na chamada história oficial e coube aos historiadores revisionistas mostrar o outro lado dos fatos, utilizando de fontes diferentes que os documentos oficiais, trabalhando com metodologias mais participativas. “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30)

Memória é aquilo que costumamos nos lembrar do nosso cotidiano, é algo que foi vivido ou aprendido e está diretamente associada as nossas emoções. A memória não necessariamente é algo linear, ela é seletiva, pois não é possível para o ser humano comum lembrar-se de

tudo que viveu e o esquecimento é algo que faz parte da memória. Para Júlio Pimentel Pinto afirma que “a memória é esse lugar de refúgio, meio história, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (Pinto, 1998, p. 307). A memória também é algo muitas vezes alegórico e é comum a gente não lembra algo exatamente como aconteceu, a nossa memória muitas vezes reinterpreta as experiências que vivemos. Através destes subsídios, pudemos conceituar memória como algo que cria base através da emoção, ela é importante por possui um significado para quem vivencia aquela situação é capaz de ser retomada e significada através da associação com outras experiências de vida.

O fato de termos memória nos dá a possibilidade de nos identificarmos com o outro e está diretamente ligado com o a experiência que nos faz humanos, lidar com memória é trabalhar com uma fonte rica, mas que precisa ser balanceada com outros documentos para entender melhor a lógica por trás do acontecimento que neste momento não consegui encontrar, mas que pretendo seguir agora, não podendo negar que as entrevistas indicam caminhos metodológicos e informações primordiais para a compreensão das transformações ocorridas no território de Suape.

Estes conceitos me ajudam a entender como a memória é um termo relevante para pesquisa a comunidade de Nova Tatuoca, porque em todo momento, naquele grupo social existe a relação entre o passado e o presente, o processo de remoção não foi algo esquecido e valorizar estas memórias deste lugar é fazer de alguma maneira que a Ilha de Tatuoca continue viva dentro dos seus moradores, pois eles “usam a memória do lugar para construir imaginativamente seu novo mundo. Nesse sentido, a terra natal permanece um dos símbolos unificadores mais poderosos para povos móveis e deslocados” (Ferguson e Gupta, 2000, p.36).

2. MEMÓRIA DE MULHERES

É importante ressaltar que a pesquisa trabalha com mulheres, sendo elas idosas, adultas e jovens, e tal recorte nos levou a uma perspectiva feminina da história, geralmente apagada e retirada do lugar de fala do conhecimento histórico.

No texto “Las Mujeres y los silencios de la historia”, a autora Michelle Perrot (2006) nos fez pensar sobre o silêncio das mulheres na história e de como durante muito tempo elas foram mudas e ausentes, principalmente no que toca a vida cotidiana e de como nelas está localizada o

conhecimento do local. Ouvi-las é antes de tudo empoderar todo este conhecimento que é ainda pouco valorizado. A partir de leituras sobre o tema e pesquisas desenvolvidas em Tatuoca.

Levando em consideração que tratarei de memória de mulheres mesmo que esta a pesquisa não tenha como objetivo principal focalizar as relações de gênero, este conceito se entrelaça com outros e está presente dentro do contexto. Eu não poderia deixar de citar que o conceito de gênero é de grande importância para o porquê optar por escrever sobre estas mulheres. Nesse sentido, diálogo com a produção de Joan Scott, para ela, “O gênero é a primeira maneira de dar significado às relações de poder. Ou seja, o gênero é um primeiro campo, no seio do qual ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1990, p. 16).

Esta concepção da autora foi influenciada pelo filósofo francês Michel Foucault, que considera que as significações de gênero são construídas pelo poder atribuído ao sexo feminino e masculino, em que de acordo com Scott (1990, p. 18) “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado”.

Outro conceito importante para a pesquisa é experiência, e a produção de Scott sobre este tema contribui muito para o trabalho. “experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é enxada. A explicação histórica não pode, portanto, separar as duas” (Scott, 1999, p. 16).

A experiência das mulheres entrevistadas são as bases destas narrativas, a partir das as experiências da vida cotidiana, do trabalho, da convivência familiar, da economia familiar, da convivência comunitária e do modo de vida da Ilha de Tatuoca que queremos conhecer e procurar o que é lembrado e transmitido às novas gerações.

quando a experiência é considerada como a origem do conhecimento, a visão do sujeito individual (a pessoa que teve a experiência ou o/a historiador/a que a relata torna-se o alicerce da evidência sobre o qual se ergue a explicação). Questões acerca da natureza construída da experiência, acerca de como os sujeitos são, desde o início, construídos de maneiras diferentes, acerca de como a visão de um sujeito é estruturada - acerca da linguagem (ou discurso) e história - são postas de lado. A evidência da experiência, então, torna-se evidência do fato da diferença, ao invés de uma maneira de explorar como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo (SCOTT, 1999, p. 4).

Em sua construção sobre a experiência, Scott enfatiza a importância do papel da história na construção da experiência, afirmando que só quando se entende verdadeiramente a história é que se pode compreender a experiência. “não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência” (Scott, 1999, p. 5). Recorrer à experiência tem-se mostrado uma estratégia teórico-metodológica importante, visando não tomar como referência categorias pré-estabelecidas, as quais podem engendrar os sujeitos em matrizes genéricas.

Outro ponto que levo em consideração do porquê escrever sobre mulheres, é porque no universo da pesca, as mulheres ainda são colocadas em um patamar inferior aos homens. O poder articulado à dominação masculina legitima a concepção da pesca como uma atividade tradicionalmente masculina, pois é no espaço público que o homem reproduz este poder por meio de símbolos, discursos e gestos. Para Bourdieu (2005, p.17) a divisão sexual do trabalho se apresenta da seguinte forma:

Ela está objetivada nas coisas, no mundo social e incorporada nos corpos e *habitus*, funcionando como sistemas de percepção, pensamento e ação. Isso porque existe uma concordância entre estruturas objetivas e cognitivas que leva a uma referência ao mundo que apaga as condições sociais que a torna possível, legitimando o arbitrário como se fosse natural.

No texto “O Enigma da Igualdade” de Joan Scott, a autora dialoga sobre discutir sobre igualdade e diferença. Para Scott, as **diferenças são uma forma de organização social**, por isso não podem ser resolvidas. Também por isso as resoluções políticas não devem funcionar; a ação afirmativa é imperfeita. “Visando acabar com a discriminação, não apenas chamou a atenção sobre a diferença, como também a abraçou. Visando a tornar a identidade de grupo no tratamento com os indivíduos, ela retificou a identidade do grupo. Não havia outra escolha” (Scott, 2005, p. 23).

Diante deste contexto, evidenciar as narrativas destas mulheres é evidenciar novas atrizes sociais, diante do meu trabalho anterior em Tatuoca, onde dialoguei com mulheres que sofrem com a violência de gênero e que tiveram poucas oportunidades de serem ouvidas, serem entrevistadas para uma pesquisa se tornava significativa para elas também. Todas queriam ser retratadas daquela forma e passaram a identificar pessoas e famílias que ficaram de fora, hoje entendo que o que mais importa para mim é contribuir para o fortalecimento identitário destas mulheres

dentro da comunidade. Para Scott: “faz mais sentido perguntar como os processos de diferenciação operam e desenvolver análises de igualdade e discriminação que ratem as identidades não como identidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais” (Scott, 2005, p. 23p. 29).

Um dos seguimentos sociais que optei trabalhar foi com mulheres idosas. Segundo Bosi em *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, esta diz que não pretendi escrever uma obra sobre memória, nem uma obra sobre velhice, passei por algo parecido durante a minha primeira pesquisa em Tatuoca, porém foram as mulheres idosas que estavam mais abertas para serem ouvidas. As histórias dos personagens de Bosi mostram que a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa da memória dos velhos, e isso não ocorre por acaso. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já *trabalharam*. Assim, é uma narrativa de homens e mulheres que já não são mais membros ativos da sociedade, mas que já foram. Isso significa que os velhos, apesar de não serem mais propulsores da vida presente de seu grupo social, têm uma nova função social: lembrar e contar para os mais jovens a sua história, de onde eles vieram, o que fizeram e aprenderam. Na velhice, as pessoas tornam-se a memória da família, do grupo, da sociedade. Outro ponto importante é que a comunidade de Tatuoca é basicamente composta por mulheres negras são. Levando em consideração a necessidade de emergir nas histórias negras não contadas, principalmente das mulheres negras e periféricas, realidade das mulheres de Tatuoca. Isto traz apontamentos para os lugares de fala, bem como a importância política das nossas especificidades e diversidades, enquanto mulheres negras, na luta antirracista. Além de manifestar no corpo as marcas das desigualdades e suas intersecções.

O negro tem uma história tradicional onde subsistem ainda resíduos das sociedades africanas, mas tem também uma cultura forjada aqui dentro e que esta cultura, na medida em que foi forjada num processo de dominação, é pernicioso e bastante difícil e que mantém o grupo no lugar onde o poder dominante acha que deve estar. Isso é o que eu chamo de “Cultura da Discriminação” (NASCIMENTO, 1976, p. 04 apud RATTIS, 2006, p.30).

Afirmamos as mulheres negras integralmente em todas as suas implicações e sensações, como afirma a médica e doutora em comunicação Jurema Wernek: “A gente é mulher negra, não mulher e negra. É

uma experiência compacta, inteira e singular, que traz vários reflexos em nossa vida”.

Retroagir nas histórias brasileiras, na perspectiva da interseccionalidade, vemos como as mulheres negras são silenciadas pelo racismo, torna-se um percurso necessário no que tange a (re)afirmação, (re)escrita e (re)conhecimento das mulheres negras enquanto sujeitas de direito. Especialmente na luta antirracista, antisexistista e anticapitalista. Para além do que entendemos enquanto recorte, estamos visibilizando a maior população brasileira que manteve e mantém registros e linguagens que abrigam atos de resistência, como traz Patrícia Hill Collins. É sobretudo a (re)tomada reflexiva da história brasileira a partir de uma perspectiva contra-hegemônica, decolonial dos povos tradicionais.

É necessário emergir nas histórias vividas pelas mulheres negras, considerando a condição não humana em que estas estiveram na colonialidade e que ainda permanecem tecendo estratégias políticas.

Essa catarse psíquica, emocional e política que se encontra na pele e subjetividade, na qual todas nós, mulheres negras, estamos, necessitamos caminhar|(re)visitar, haja visto a condição coletiva do racismo, opressão que “...parte da suposição irracional da superioridade de um grupo racial sobre outro. É também a crença de que determinado grupo possui defeito de ordem moral e intelectual que lhe são próprios” (SANTOS, 2001, p.85).

Como processo que subalterniza, inferioriza e desqualifica as pessoas negras, o racismo atua enquanto engrenagem de controle social das raças, um dos eixos fundamentais deste modelo globalizante da colonialidade do poder, que também discrimina e classifica socialmente o mundo pós-colonial.

A escravidão tocou objetivamente nos corpos das mulheres negras, como também as suas subjetividades, reprimido os sentimentos daquelas(es) que tentassem comunicar as suas emoções e desejo. Somado às construções intersubjetivas e da baixa estima, as mulheres negras experimentaram as normalidades do sistema colonial, em que seus corpos eram considerados unidades de mercadoria. Mulheres que não eram consideradas humanamente dotadas de sentimentos, dores, negadas de suas memórias.

A divisão social do trabalho não diferenciava mulheres e homens, ambos tinham que servir a economia familiar da casa grande. Nem durante a gestação, ou pós parto, elas tinham um tempo para se restabelecer no trabalho e cuidar das(os) filhos(as). Seu corpo era sua força

de trabalho, como também da escravidão após abolição as mulheres negras aprenderam a desenvolver uma força sobrecomum “Assim como seus companheiros, as mulheres negras trabalharam até não poder mais. Assim como seus companheiros, elas assumiram a responsabilidade de provedoras da família (DAVIS, p.220, 2010).

Os argumentos da democracia racial resignificaram para um outro nível as imagens das mulheres negras e indígenas. Um bom exemplo disso, é como incorporamos as violências sexual praticadas contra as mulheres negras e indígenas, como relações amorosamente consentidas. A miscigenação é resultante da exploração sexual de mulheres negras e indígenas no período colonial. “[..] o produto do prévio estupro da mulher africana pelo português o mulato e bastardo resulta da espúria união marital: a concubinação e/ou a prostituição da mulher negra e da mulata” (NASCIMENTO, 2016, p.75).

Além disso, guia as disputas de uma (re)tomada por uma racionalidade negra tecida a partir da biografia das mulheres negras ao longo das histórias brasileira. Debruça-se numa investigação de si, sobre as vidas vividas de mulheres negras a fim de recuperar as experiências políticas de dentro da história como sujeitas históricas. Como apresenta Conceição Evaristo, numa entrevista à revista Raça Brasil, ainda há muito preconceito em relação à mulher negra na sociedade brasileira:

se você não está na mídia e ainda é negro e mulher, a situação se complica mais, porque espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar muito bem, dançar, cantar - mas não escrever. Às vezes, as pessoas olham para mim e perguntam: “Mas você canta?”. E eu digo: ‘Não canto nem danço’. Para um negro desconhecido tornar-se escritor, há todas essas dificuldades. Para uma mulher negra, pode multiplicar isso por mil, pois você vai assumir uma função que a sociedade não está acostumada a esperar. A sociedade tem uma expectativa que nunca é intelectual. (VITRINE LITERÁRIA, 2009)

Busquei também pelas palavras-chave Memória de mulheres, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, e encontrei 27 trabalhos variados, selecionei cinco trabalhos para auxiliar na minha pesquisa por entender que eles se aproximam do que estou pesquisando, listo o breve resumo deles abaixo:

O primeiro deles é intitulado “(In)Visibilidade das Mulheres na Pesca Artesanal: Uma Análise Sobre as Questões de Gênero na Colônia

de Pescadores e Pescadoras Z-16 Em Miracema do Tocantins/TO”, dissertação defendida no programa de Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Tocantins. A autora desenvolveu o termo invisibilidade para evidenciar que as atividades pesqueiras que as mulheres realizam são invisíveis tanto para elas quanto para os outros. O estudo buscou dar visibilidade ao ofício destas mulheres e a metodologia adotada nesta pesquisa foi de cunho qualitativo com a utilização da história oral. Os dados foram interpretados pela fundamentação teórica pelos estudos de gênero de SCOTT (1990, 2012).

O segundo trabalho de Wynklyn Da Conceição de Lima intitulado **“Memórias de Mulheres Quilombolas e Identidade Territorial da Comunidade Nova Jutá, Breu Branco-PA”**, defendido em 2017 no programa de Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, investigou as memórias de mulheres quilombolas da comunidade de Nova Jutá, Breu Branco – PA e discutiu-se como as memórias das mulheres (re)criam a identidade territorial, foi um estudo com uma abordagem interdisciplinar do problema, especialmente referenciada em aportes conceituais da antropologia, da história e da geografia. Os conceitos principais são identidade territorial enquanto territorialidade, destacando as categorias analíticas de lugar e memória. A metodologia abordada também foi da história oral, através de entrevista temática semi-estruturada. A pesquisa evidenciou que as mulheres, cujas memórias são objetos desse estudo, assumem papéis importantes na comunidade no que diz respeito a assuntos de cunho econômico, político e cultural.

Já o terceiro trabalho me chamou a atenção por pesquisar as narrativas das mulheres negras a respeito do processo de construção e consolidação de Brasília, fazendo uma análise sociológica da memória e suas intersecções entre gênero e raça/cor, de autoria de Elna Dias Cardoso, tese defendida no programa de sociologia da Universidade Federal de Goiás em 2018.

Outra pesquisa que selecionei, esta por ter ser uma pesquisa no campo da educação, tem por título **“Memória de Mulheres De Assentamentos de Reforma Agrária: A Relação entre Trabalho, Política Educação e Participação”** do Mestrado em Educação da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS de autoria de Amanda Cristina Lino que analisou a relação entre a memória das mulheres, participação e educação no contexto dos assentamentos de reforma agrária na região de Sorocaba, tendo como objeto de estudo as memórias da participação

das mulheres na cotidiano da política, da educação e do trabalho que se consubstanciaram dialeticamente por meio da sua experiência.

O último trabalho, defendido em 2018 no programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Campina Grande que selecionei tem por título “Memória E História Do Pós-Escavidão: O Cotidiano Do Engenho Buraco D’água Na Cidade -Alagoa Nova –PB (1918-1950)” de Maria Regina Alves Dos Reis que com teóricos que trazem uma grande contribuição sobre Memória e História, como Bosi (1994) e Halbwachs (2006). Essa abordagem se insere nas concepções de práticas e representações de Chartier (1991) e Certeau (2007), com os conceitos de estratégias e táticas. Como abordagem metodológica, conto com a contribuição de Alberti (2005) sobre História Oral, na sua concepção de história de vida, para trabalhar com a memória de mulheres e homens que nasceram e viveram sua infância e juventude no Engenho Buraco d’Água.

1.1.1 DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO

Um dos conceitos que escolhi por me aprofundar foi a discussão acerca de desterritorialização, diante do ocorrido com os moradores da Ilha de Tatuoca, e porque este processo alterou o cotidiano a o modo de vida dos moradores de Tatuoca. Entendo desterritorialização como um processo voluntário ou forçado, violento, de perda de território, de quebra de controle das territorialidades pessoais ou coletivas, de fratura no acesso a territórios econômicos, simbólicos, a recursos, a bens (HAESBAERT, 2004).

O processo de remoção em Tatuoca foi traumático para população, este assunto é recorrente mesmo já tendo passado 6 anos do processo de desterritorialização porque foi necessário alterar a maneira como viveram e se organizaram dentro da Ilha de Tatuoca, o cotidiano foi alterado ou seu “habitus” foi quebrado. O habitus é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (Bourdieu, 2007, p. 191).

Arturo Escobar no artigo O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento, fala que “a experiência de desenvolvimento significou para a maioria das pessoas um rompimento do lugar, mais profundo como jamais visto” (Escobar, 2005, p. 69) que dialoga bastante com o ocorrido em Tatuoca, diante da necessidade de se

adaptar a um novo lugar, ou de como os locais sagrados ou pertencentes as comunidades tradicionais são preteridos em nome de um discurso de desenvolvimento e globalização.

No contexto da vida na Vila Nova Tatuoca, foi necessário se readaptar, ou seja, houve um processo de reterritorialização, que para Haesbaert (2001,p.144), “a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios e fundando outros”.

Esta reterritorialização é um processo que atingem as pessoas de maneiras diferentes, para alguns de maneira bastante positiva, para outros, como é o caso dos moradores da Vila de Tatuoca, este processo resultou na perda de valores pessoais e de perdas inclusive financeiras, quando perderam acesso a pesca abundante e a produção de subsistência realizada em seus sítios.

A partir destas referências, passei a procurar trabalhos com este conceito duplo de desterritorialização e reterritorialização, e quando iniciei as buscas pelos dois termos de maneira conjunta, não consegui encontrar pesquisas dentro do Catálogos de Teses da CAPES, então optei por pesquisar os termos individualmente, e selecionei duas das pesquisas encontradas.

Ao pesquisar a palavra-chave “desterritorialização”, encontrei muitas pesquisas anteriores a plataforma Sucupira e um número considerável de estudos da área de letras. Selecionei a tese intitulada “Produção Socioespacial do Litoral do Paraná e as Estratégias de Resistências Dos Pescadores Artesanais na Luta Pelo Seu Território” de Tiago Vernize Mafra, no programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná que analisou a ligação entre as resistências dos pescadores artesanais na luta pelo território e as formas hegemônicas de produção do espaço ou apropriação dos recursos do litoral do Paraná, identificando como as resistências influenciam na territorialização desses grupos e na produção socioespacial local.

Sobre o processo de reterritorialização, buscando individualmente o termo, não consegui encontrar pesquisas relevantes ao meu tema, o que me levou a buscar por pesquisas de Movimentos de Atingidos por Barragens e selecionei a pesquisa de Gilmar Fialho de Freiras, intitulada **Transformações na Vida de Atingidos por Barragens no Vale do Jequitinhonha - Mg: Os Casos da Comunidade de Peixe Cru e do Quilombo de Porto Corís** no Mestrado em Extensão Rural da Universidade Federal De Viçosa. O estudo foi realizado em duas

comunidades recém-formadas por reassentados: Comunidade Novo Peixe Cru em Turmalina – MG, e a Comunidade Remanescente de Quilombo de Porto Corís em Leme do Prado – MG, para constatar que a trajetória de vida dessas populações que foram reassentadas é marcada pela inevitabilidade que um processo de reassentamento forçado possui, e que estes estão, constantemente, imersos em um processo de mudança e de ressignificação dos seus meios de vida. Acredito que estes trabalhos irão me auxiliar a entender processos semelhantes ao que me proponho pesquisar com os moradores de Tatuoca.

1.1.2 PEDAGOGIAS DESCOLONIZADORAS

No mundo ocidental em que vivemos hoje, somos considerados a periferia do mundo nesta relação norte e sul, como também costumamos definir o conhecimento do povo, a chamada educação popular, onde Paulo Freire aparece como referência central deste que poderia ser considerado como conhecimento periférico e de menor “valor” para a construção da sociedade. Esta visão, claramente, é fruto da perspectiva colonizadora forte no nosso pensamento cotidiano. Cabem a nós, estudantes, professores e pesquisadores do sul do mundo, lutar e produzir não apenas pela independência política, mas também pela independência epistemológica, construindo saberes “descolonizantes”.

Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade). (FREIRE, 2018a, p.35-36)

O ato de ensinar e apreender a todo momento se confundem, assim como a posição do educador (docente) e do educando (discente), como destaca Freire (2018, p.25): “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos”. A proximidade dos conceitos de Freire ao pensamento decolonial, sobretudo no que concerne a educação intercultural crítica, está presente em sua obra “Pedagogia do oprimido”, em que o autor trabalhou os conceitos de humanização e desumanização. Freire (2018, p.40) afirma que tanto a humanização com a desumanização “são possibilidades dos homens, como seres inconclusivos e conscientes de sua inconclusão”.

Walsh (2014, p.42) destaca que a criação de estruturas socioeducativas necessárias para desvendar as raízes da opressão e desumanização vivenciada pelos oprimidos, em que esses identifiquem as estruturas dessa opressão, e dessa forma, atuem sobre elas. Esses são componentes centrais do pensamento de Freire que a autora atualiza. Walsh sinaliza, Freire construiu uma teoria epistemológica, ou seja, que busca conhecer a realidade e transformar a realidade, mas que não aprofundou o problema ontológico existencial que forma a base da opressão e da descolonização e libertação dos oprimidos, como nos exemplos citados pela autora, dos povos indígenas e afrodescendentes. (2014, p.46)

A matriz de dominação colonial se aprisiona no poder sobre os corpos e espaço. É uma relação de violência com base no racismo, impondo modelo de organização de relações de violência (sobre o trabalho, sobre o corpo). O pensamento decolonial implica fazer com entrelaçando a teoria-prática com histórias locais de vida e perspectivas de luta. Neste ponto, estes conceitos me auxiliam a entender como a comunidade de Tatuoca produz conhecimento, produz metodologias e cria estratégias de resistência para lidar com este novo contexto e estas histórias precisam ser registradas.

Estou dialogando sobre quem é o sujeito da educação nos dias de hoje, como as pessoas entendem a História e são capazes de compreender que vivemos tempos de memória. Como se constrói o conhecimento histórico em tempos de memória. Foucault apontava que:

A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispensará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia – sob a forma da consciência histórica -, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar o seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. (Foucault, 2008, p 15)

Ainda do que toca o pensamento decolonial, o conceito de Chixi apresentado pela Silvia Rivera (2010) em *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* apresenta como as comunidades originárias possuem suas próprias ideias de desenvolvimento e modelos capazes de ir de encontro ao pensamento colonial, isto significa que as comunidades tradicionais possuem perspectivas próprias de desenvolvimento, capazes de responder melhor a demandas sociais dos

seus territórios do que modelos econômicos importado de outras realidades, maneira pela qual o pensamento colonial se tornou hegemônico, dentro do contexto histórico do territórios marcados pela colonização.

A escritora e contadora de histórias nigeriana Chimamanda Adichie (2019) na palestra “O perigo de uma história única” escreve sobre a importância do seu local de fala. Tendo crescido dentro de um campus universitário na Nigéria e começado a escrever muito cedo, ela passou a escrever o que lia nos livros infantis, geralmente britânicos ou norte-americanos, com elementos culturais que nada dizem sobre ela, que vivia em um país de clima tropical onde se comia manga em vez de maçãs. Vem aqui o perigo de se trabalhar uma história única. Como as pessoas não se vêem passam a acreditar que é normal uma única visão de mundo hegemônica, que invisibiliza a diversidade clara no mundo atual.

Chimamanda Adichie reafirma a importância de conhecer esta história diferente e identificar-se como parte dela como algo primordial para a construção de identidade e pela luta por outra visão de mundo possível. Fomos acostumados a ver a partir da perspectiva do colonizador. A História, na perspectiva do colonizado, é completamente diferente. Ela não se inicia com a ocupação dos europeus em África ou nas Américas, elas já existiam de outra maneira, a partir da visão dos povos originários.

Vattimo (1992), em “A sociedade transparente”, analisa a construção de pós-modernidade na perspectiva histórica. Para ele, a ideia de modernidade dá a entender que a história da humanidade seria uma linha reta que sairia da barbárie até o total desenvolvimento, assim imperaria um discurso único, típico da modernidade. Para Vattimo, nós não somos mais apenas modernos, pois a atualidade tem se demonstrado diferente dos ideais da modernidade e ele tem uma visão esperançosa sobre o conceito de pós-modernidade, pois têm surgido diferentes grupos sociais que estão se fortalecendo a partir do uso da mídia e dos meios de comunicação, em vez de surgir um discurso único, vivemos o contraponto do discurso nos dias de hoje, mesmo que estes grupos ainda não tenham atingido o poder econômico e político. Para ele fragmentação é equivalente a democratização. Estes relatos que originaram este projeto são muito ricos para a construção de uma outra narrativa da história de Suape no litoral sul de Pernambuco, ter o olhar daqueles que foram expulsos de suas terras, como tantos outros no Brasil, a partir da força do discurso desenvolvimentista em regiões que atualmente são de interesse do capital nacional e estrangeiro.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão de que estamos criando documentos históricos e nos propondo a sistematizar dados que representam a história de Tatuoca. A ideia central desta pesquisa contribui com a discussão de construção da memória a partir de uma visão descolonizada, contra hegemônica e baseada na valorização da comunidade pesqueira tradicional de Tatuoca, sobre perspectiva pós-estruturalista, dialogando com o pensamento com a decolonial na América Latina.

Fiz uma busca no Banco de Teses de Dissertações da CAPES, selecionei a dissertação de mestrado em História, 2018 da UFG chamado Ilê Oju Odé: Políticas de Resistência e Territorialidades no Candomblé de Goiás de Victor Hugo Basilio Nunes. Este trabalho se desenvolve junto ao terreiro de candomblé Ilê Oju Odé e nos espaços de atuação deste terreiro através do Afoxé Omo Odé para pensar de que forma a atuação política do Ilê Oju Odé, possibilita a valorização do aporte cultural afro-descendente, cria um espaço de discussão política no qual o terreiro se torna um espaço de ressignificação da vida. A convivência diária com esta comunidade nos mostrou a complexidade desta realidade social, marcada por uma relação de sociabilidade que se aproxima da observada por Catherine Walsh (2013) ao afirmar que as pedagogias decoloniais produzem uma “intersubjetividade, reconhecimento mútuo, solidariedade subalterna”.

3. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo de uma História Única**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2019.

ADICHE, Chimamanda, Ngozi. **Para Educar Crianças Feministas**. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2017.

BAUER, M. W.; GASKELL, G (orgs). **Pesquisa Qualitativa como Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BRASIL. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça** - 4ª edição. Ipea, ONU, SPM e SEPPIR/ Brasília, 2011.

CARDOSO, ELNA DIAS. **Nós também fazemos parte desta história”: memória de mulheres negras em Brasília**’ 03/09/2018 196 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9205>

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (orgs.). racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. trad. Natália Luchini. Seminário “Teoria Feminista”, Cebrap, 2013. [Em inglês, Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Nova York/Londres: Routledge, 1990.

CRENSHAW, Kimberle W. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. CRUZAMENTO: RAÇA E GÊNERO. BRASÍLIA: UNIFEM. 2004.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL; GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2., 2003, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2003.

FILHO, Roberto Luiz Poci. **Ecossistemas no Vale do Chopim: Memórias e Pertencimento de Atingidos por Barragens em Nossa Senhora dos Navegantes, Paraná**. 08/04/2016 271 f. Mestrado em História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: UEPG

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**, 25 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002a.

FREITAS, Gilmar Fialho De. **Transformações na Vida de Atingidos por Barragens no Vale do Jequitinhonha - MG: Os Casos da Comunidade de Peixe Cru e do Quilombo de Porto Corís**' 25/06/2014 82 f. Mestrado em EXTENSÃO RURAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa Biblioteca Depositária: UFV

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Baeta Neves. 7a edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester (2007): **O território em tempos de globalização**; in etc., espaço, tempo e crítica – revista electrónica de Ciências Sociais.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LIMA, Wynklyns da Conceicao de. **Memórias de Mulheres Quilombolas e Identidade Territorial da Comunidade Nova Jutai, Breu Branco-PA**' 31/08/2017 129 f. Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Sul d Sudeste do Pará, Marabá

LINO, AMANDA CRISTINA. **Memória de Mulheres De Assentamentos de Reforma Agrária: A Relação entre Trabalho, Política Educação e Participação**' 31/03/2014 157 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, Sorocaba Biblioteca Depositária: UFSCar - Sorocaba

MARQUES, Katlyn Kelly Duclerc. **Moradores invisíveis: o sofrimento social dos moradores da Ilha de Tatuoca - Ipojuca – PE – em seu processo de desterritorialização**/ Recife: [s.n.], 2014.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MENDES, Soraya Helena de Araujo. **(In)Visibilidade das Mulheres na Pesca Artesanal: Uma Análise Sobre as Questões de Gênero na Colônia de Pescadores e Pescadoras Z-16 em Miracema do Tocantins/TO'** 04/03/2016 83 f. Mestrado em DESENVOLVIMENTO REGIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Palmas Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins.

MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**, Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, 2008, 5-10.

MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado**. I.ed. São Paulo: Perspectivas, 2016, p, 04 - 75.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Por uma História do Homem Negro. In: RATTI, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2006, p. 30.

NORA, Pierre. **Entre mémoire et histoire : la problematique des lieux**. In: GERON, Charles-Robert. (org). Le lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. v.2. La Nation.

NUNES, Victor Hugo Basilio. **Ilê Oju Odé: Políticas De Resistência e Territorialidades no Candomblé De Goiás'** 16/03/2018 178 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL - UFG

PEREZ, Mercedes Sola; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. **Desenvolvimento e conflito territorial – primeiras reflexões sobre as comunidades atingidas pelo complexo industrial portuário de Suape- PE**, Brasil. Revista de Geografia (UFPE) V 29. No. 2. 2012

PÉREZ, Mercedes Solá. **R-existências dos camponeses/as do que hoje é Suape: justiça territorial, pós-desenvolvimento e descolonialidade pela vida**

PERROT, Michelle. **Las Mujeres e los silêncios de La historia em Por qué recordar?** Buenos Aires: Garnica, 2006.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina** em Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas Latino-Americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

REIS, Maria Regina Alves dos. **Memória e História do Pós-Escravidão: O Cotidiano do Engenho Buraco D'água na Cidade -Alagoa Nova -PB (1918-1950)** 28/02/2018 132 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central UFCG.

SCOTT, Joan W. **A Invisibilidade da Experiência**. Projeto História, nº 16, São Paulo, 1998

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, p. 5-22, dez. 1990.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. Estudos Feministas, v. 13, n. 1, p. 11-30, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, 2005.

SILVA, Jaqueline Soares da. **Memórias de Tatuoca – uma história familiar**. 2019. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

SOUSA, Neusa Santos. **Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Coleção Tendência; v.4, p.18.

SOUZA, Hélio Ferreira de. **A carta da escrava 'Esperança Garcia' de Nazaré do Piauí: uma narrativa de testemunho precursora da literatura afro-brasileira**. UFMG. Literafro, 2015.

VAINSENER, Semira Adler. **Suape – Porto e Complexo Industrial**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco. Recife.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Trad.: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

WALSH, Catherine. **Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos**. Querétaro, México: Colectivo Zapateándole al mal gobierno. En cortiro que's pa'largo, 2014.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales caminando y preguntando**. Notas a Paulo Freire desde Abya Yala. Revista Entramados – Educación y Sociedad, ano 1, n.1, 2014b, p.17-31. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/entramados/article/view/1075>. Acesso em: 10 jan.2021

WERNEK, Jurema. **Somos herdeiras de mulheres que construíram a própria força**. Brasil de Fato. Rio de Janeiro, 27 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/27/jurema-werneck-somos-herdeiras-de-mulheres-que-construiram-a-propria-forca/>.